

sebastianismo é factor, ao mesmo tempo que sintoma, de decadência que devemos combater, outros, na esteira de Afonso Lopes Vieira ou de Fernando Pessoa, preconizam um sebastianismo «consciente», fermento de confiança e de ressurgimento, e pregam a «religião do Encoberto». Mais ainda: entregando-se a uma intuição «profética» vinda das entranhas do passado, certos de que Portugal tem, por designio do alto, uma missão para cumprir, renovam o mito do Quinto Império e antevisio-nam a hegemonia portuguesa (ou da lusitanidade) no mundo, quer no pensamento filosófico, quer como forma de civilização (Álvaro Ribeiro, Agostinho da Silva). V. *Saudosismo e Influência Inglesa. Na Lit. Portuguesa.*

J. P. C.

Bibl.: Sampaio (Bruno), *O Encoberto*, Porto, 1904; João Lúcio de Azevedo, *A Evolução do Sebastianismo*, Lisboa, 1918; António Sérgio, «Interpretação não romântica do Sebastianismo» in *Ensaio*, t. 1, 2.^a ed., Coimbra, 1949, pp. 293-306; *Regresso ao Sebastianismo* (antologia organizada por Petrus), s/l e s/d [1952?]; J. Subirats, «Aspects du messianisme luso-brésilien», in *Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg*, 41 ème. année, 1962-63, pp. 459-481. A revista *Tempo Presente* dedicou os ns. 17-18 (Set.-Out. de 1960) ao Quinto Império. Quanto a Fernando Pessoa: William H. Roberts, «The Figure of King Sebastian in F. P.», in *Hispanic Review*, vol. XXXIV, n.º 4, Out. de 1966, pp. 307-316.

Seca. V. Nordeste do Brasil.

Segrel. V. Lirismo. Época Medieval. OS POETAS.

Seguidilha. Forma poética pouco comum em Portugal, foi sempre popularíssima em Espanha e mais que nunca durante a época clássica. As suas origens são talvez portuguesas. A aparição do termo é pouco anterior ao tempo de Cervantes; a forma, cujas regras só por essa altura foram definitivamente fixadas, existia em embrião muito antes. *Seguidilha* liga-se ao português *seguir* que, como termo de poética medieval, significava compor um poema novo para uma melodia conhecida (*seguir* a melodia).

Encontram-se dois tipos de seguidilha: um simples e outro com estribilho ou cola. Literariamente, a primeira apresenta-se em quadras, e a segunda em septinas; de facto, o estribilho — que consta de três versos — prende-se muitas vezes à estância por um laço de rima. Na seguidilha, alternam em geral dois versos curtos; o maior conta seis sílabas, e o menor quatro; as quadras rimam pelo esquema A B C B, e a rima é toante, salvo raras excepções.

Alguns críticos pretendem encontrar as primeiras seguidilhas no *Cancioneiro da Vaticana* (v.) ou entre as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X (v.). Em todo o caso, a certa septina do condestável D. Pedro («Eu tenho voontade / De amor me partir»), já a classificação parece convir. São-lhe posteriores as primeiras seguidilhas espanholas (de Juan Gato).

O género reapareceu na literatura portuguesa com o recrudescimento da influência espanhola. Encontram-se seguidilhas entre os poemas de Francisco de Sá e de Faria e Sousa (v.). No teatro, tornou-se frequente até meados do séc. XVIII. Ainda o *Anfitrião* de António J. da Silva (v.) abre por uma ária, cuja letra se parece singularmente com uma letra de seguidilha. Recentemente, nas suas *Líricas* e *Bucólicas*, António Feijó lembrou-se do termo, mas pouco se importou com as características essenciais da forma.

A. C. M.

Seixas, JOSÉ MARIA DA CUNHA. N. em 1836 em Trevões, concluiu em Coimbra o curso de Direito e exerceu a advocacia em Lisboa. Em 1864, ainda em Coimbra, publicou *Estreias* e colaborou em vários jornais e revistas. As suas preocupações filosóficas levaram-no à elaboração de um sistema imanentista em que Deus em tudo se revelava: o «pan-titeísmo». Na sua oposição algo difusa ao materialismo e ao positivismo deixou alguns ensaios de leitura útil para a compreensão do movimento de ideias na segunda metade do séc. XIX em Portugal. Dentre a vasta produção convém citar: *A Fénix, ou a imortalidade da alma*, Lisboa, 1870; *Princípios gerais de Filosofia da História*, Lisboa, 1878; *Galeria de ciências contemporâneas*, Porto, 1879; *Ensaio de crítica filosófica*, Lisboa, 1883; com

especial interesse para o estudo da crítica literária e do Romantismo em Portugal: *Estudos de literatura e de filosofia*, Lisboa, 1884. Em 1897 foi publicado póstumamente o livro *Princípios gerais de Filosofia*, precedido de um estudo sobre a filosofia em Portugal e uma notícia biográfica sobre o autor por Ferreira Deusdado.

D. S.

«Selva (A)». Neste famoso romance (1.^a ed., 1930) condensa Ferreira de Castro (v.) a sua experiência, aliás atenuada a crueza autêntica nas circunstâncias que caracterizam e rodeiam o protagonista. Alberto, estudante de Direito, sai de Portugal, com 26 anos, por motivos políticos — as suas convicções monárquicas haviam-no levado a combater o regime —, com rumo a Belém do Pará. Esgotada a generosidade de um tio, forçoso lhe é aceitar a situação de seringueiro, única que se lhe oferece, na longínqua Amazônia. O desencontro da cultura e da sensibilidade do jovem português com o ambiente da selva, grandioso mas bárbaro, e as condições desumanas da vida no seringal formam o fundo do romance, que é sobretudo uma pintura, por vezes alucinante, da floresta amazónica. O elemento humano, insignificante em face da majestade da flora e da fauna, é, no entanto, indispensável, pois não se trata da descrição de lugares inóspitos feita por viajante ousado, mas antes da recordação de pesadelo de um homem que ali viveu e sofreu, e que com o seu depoimento directo e simples, embora artisticamente perfeito, revela ao mundo civilizado uma das mais duras formas de escravidão moderna. Alberto sente a inanidade dos ideais políticos ao defrontar o grande e ignorado sofrimento humano. Amnistiado no seu país, pode agora voltar com o auxílio e o sacrifício da mãe velhinha. E a sua compreensão alargou-se até abarcar os delitos e os crimes que o jovem estudante ambicioso, um pouco fechado na sua ideologia seca, se propunha combater, e que a sua assombrosa experiência lhe mostra agora como resíduos da